

A CRISTANDADE DE GOA: A ESTRATÉGIA DO PADROADO PORTUGUES E DA MISTIÇAGEM SOBRE AS RELÍQUIAS DE SÃO FRANCISCO XAVIER.

Pedro Henrique Pereira¹
Fernando Lemes Lobo²

¹ Graduando do quarto ano do curso de História do Campus Anápolis de CSEH/UEG. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (BIC/UEG), (IC).

² Doutor em História. Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Introdução (Problemática e Objetivos)

A Expansão Marítima Ibérica em busca de riquezas do oriente conquistou além de territórios para Portugal, a possibilidade de levar a fé cristã para aquela região. Com o financiamento da coroa e de particulares, os portugueses partiram com destino a Ásia. O papado visando expandir os limites da igreja ordenou que muitos clérigos acompanhassem os portugueses em suas expedições, e a cada território descoberto, tinham a responsabilidade de evangelizar o povo. Desta maneira, o missionário jesuíta Francisco Xavier que mais tarde se tornaria santo, viajou com destino à Índia e atualmente tem sua imagem como representação do avanço do cristianismo naquele continente.

O primeiro grande marco da presença portuguesa na Ásia está na viagem de Vasco da Gama no final do século XV, quando são iniciados os primeiros encontros com a intenção de estabelecer relações comerciais com os reinos malabares da Índia. A primeira década da presença lusitana na Índia é representada pelos grandes embates com os muçulmanos que anos antes já haviam se estabelecido naquela região, entretanto em 1510, as guarnições portuguesas lideradas pelo governador Afonso de Albuquerque conseguem conquistar a ilha de Goa, derrotando os mouros, determinando a fixação dos portugueses naquele território.

A religiosidade se tornou no contexto histórico da Europa, algo indissociável principalmente nas relações políticas, podendo-se muitas vezes confundir a própria Expansão Marítima Ibérica com a Expansão da Cristandade na América e Ásia. Neste sentido, os avanços portugueses no Oriente se desenvolveram à mesma medida em que a fé cristã, pois dentro da perspectiva de aproximar os dois mundos, o europeu e o asiático, os missionários cristãos em muitos momentos assumiram esta função, estabelecendo tratados diplomáticos e difundindo o cristianismo por toda a Ásia, da Índia ao Japão.

Entretanto, dentro da política de ocupação portuguesa, é encontrado nas primeiras décadas do século XVI o incentivo por parte do Rei D. Manuel em Portugal e do governador Afonso de Albuquerque em patrocinar os casamentos inter-raciais, envolvendo os portugueses e as nativas indianas das castas hindus com intenção de proporcionar um contingente das guarnições para trabalharem nas cidades e fortalezas portuguesas, para de certa forma suprir a escassa demanda de homens de Portugal.

O objetivo deste trabalho é investigar o processo de ocupação e cristianização de Goa sob o domínio português, no período do século XVI e XVII, através da ação evangelizadora das ordens eclesiásticas, como os Franciscanos marcando a primeira etapa do processo missionário na primeira década do século XVI e principalmente na Companhia de Jesus a partir de 1542, em relação às populações nativas convertidas, mestiças e portuguesas instaladas no Estado da Índia. Houve colaboração entre a Coroa Portuguesa e essas instituições, sendo que um grande aspecto a ser trabalhado nesta pesquisa está na formação de um pequeno núcleo mestiço e cristão que surgirá principalmente em Goa, causado pela união matrimonial entre portugueses e indiano apoiado pela coroa.

Essa união incentivada a partir de 1510 será alvo de grandes críticas e debates, sendo que 1542 com a chegada de São Francisco Xavier serão evidenciados como os mestiços sofriam abusos dos portugueses e também das castas hindus mais nobres, por não pertencerem propriamente a nenhum dos dois mundos, mas sim por viverem à margem dessa sociedade intercultural. Entretanto, nota-se com a morte de Francisco Xavier, missionário e santo, uma forte comoção por parte da população mestiça de Goa que pediram que seu corpo fosse sepultado em sua cidade, não por se sentirem próximos a ele. Desta maneira, podemos analisar a presença do corpo do santo em Goa com o intuito de criar um mártir naquele continente asiático tornando-se objeto de veneração para os orientais e dessa forma criar um hibridismo entre as culturas (GRUZINSKI, 2001), solidificando ainda mais os laços comerciais entre a Ásia e a Europa, pois como mostra as cartas pessoais de Xavier, o mesmo criticava duramente os mestiços como incapazes de entender e discernir a cristandade, diferente dos japoneses, que sempre foram elogiados por este missionário, a quem dedicou grande parte de seus esforços na edificação de igrejas católicas em Kyushu e na conversão de seu povo.

O resultado desse esforço foi um cristianismo confinado, insular, fortemente marcado por trocas culturais entre o Ocidente e o Oriente, o que gerou seu caráter original.

Referencial Teórico

A propagação da fé cristã na Ásia e também da própria instituição da igreja alcançou novas possibilidades após os portugueses se fixarem no território. A conquista de Goa liderada por D. Afonso de Albuquerque em 1510 proporcionou ao padroado português um ambiente propício para a igreja católica se espalhar pela Ásia, além de possibilitar elementos de domínio para os povos asiáticos através da construção de um território cristão em Goa.

Para a historiadora Patrícia Souza, a organização religiosa diocesana, a rede paroquial, a atividade missionária das ordens religiosas e o controle da Inquisição de Goa foram dispositivos essenciais no processo de conversão, manutenção e controle da cristandade goesa. Ainda de acordo com a percepção dessa historiadora, para discutirmos o vínculo entre o poder português e a igreja católica em Goa durante os séculos XVI e XVII, é necessário uma análise do conceito de “cristandade”.

O Cristianismo e a Cristandade divergem entre si, sendo que a primeira se refere à religião ou ordem religiosa, enquanto a cristandade significa um sistema único de poder e de legitimação do estado e da igreja, determinando então que suas relações mediarão as estruturas dessas sociedades cristãs¹. A cristandade durante a Idade Média passou por várias modalidades e reformas até chegar a sua configuração que antecede a reforma protestante. Durante os primeiros anos de ocupação portuguesa dentro da sociedade indiana de Goa podemos notar uma abordagem diferente por parte dos portugueses e também dos missionários, entretanto com a chegada dos jesuítas, o Concílio de Trento e da Inquisição já no final da primeira metade do século XVI a estrutura dessa sociedade serão afetadas com a contra reforma da igreja católica que afetará exponencialmente a população mestiça e hindu da capital do Estado da Índia.

Neste capítulo contamos com a participação de historiadores brasileiros, que mesmo em pequena escala se comparada com as produções portuguesas sobre estudos marítimos e

¹ Francisco José Silva Gomes. "A Igreja e o Poder: representações e discursos" In Ribeiro, Maria Eurydice de Barros. Brasília: Edunb, 1997, p.33-34.

Expansão Ibérica no Oriente e da Cristandade, ainda contribuem para análise e discussão, promovendo pontos de vistas e percepções inovadoras reconhecidas internacionalmente.

Metodologia

Uma das principais justificativas para a legitimação do projeto expansionista de Portugal em 1415 foi a de espalhar a fé cristã nos novos locais conquistados, entretanto no século seguinte, com a instalação no território da Ásia, nota-se que o número de missionários enviados para lá, foram relativamente poucos, que por sua vez ocasionou em pouco progresso e isso durou aproximadamente quatro décadas, até a chegada dos jesuítas em Goa por volta de 1542².

De acordo com Charles Boxer, os primeiros missionários em sua grande maioria, não se preocupavam ou se esforçavam se quer a aprender os idiomas orientais, ou a entender os livros sagrados e as crenças religiosas desses povos. Parte deste clero pioneiro tendia a preocupar-se mais em acumular fortuna do que a evangelizar os pagãos, desta forma, quase que somente as mulheres asiáticas que viviam com os portugueses, escravos domésticos ou pobres eram convertidos ao cristianismo. Entretanto, houve pequenos casos como a conversão em massa dos pescadores de pérolas na Índia, onde alguns desses primeiros missionários conseguiram se destacar.

Uma das características dos primeiros missionários no Oriente³, é que não eram comum eles se distanciarem muito das fortalezas portuguesas devido à ameaça de ataques, principalmente em Goa onde nos primeiros anos de colonização, os portugueses quando não faziam comércio ou tentavam missionar nos arredores de suas praças, passavam meses encurralados em suas fortalezas muitas vezes sitiados⁴. Contudo, foi a Companhia de Jesus que promoveu o maior número de conversões nas colônias portuguesas, utilizando métodos mais sofisticados de persuasão e força, a ordem de Inácio de Loyola conseguiu elevar os

² Boxer, Charles. O império marítimo português 1415-1825 / Charles Boxer: Tradução Ana Olga de Barros Barreto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³ Durante os séculos XV e XVI o termo Oriente não tinha a função aglutinadora que possui o substantivo atualmente. Termos muito comuns eram a “Índia” e “as Índias”, depois da descoberta da América, Índias Orientais, como forma de se referir às regiões banhadas pelo Oceano Índico. Ver. DORÉ, Andréa Carla. Relações entre Oriente e Ocidente (séculos XIII-XVII): mercadores, Missionários e homens de armas. *Revista Biblos*. Rio Grande: BRAPCI-UFPR, 2007. n.21. P. 106.

⁴ Ver Doré, Andréa Sitiados. Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622), São Paulo, Alameda, 2010, 320 pp.

números de recém-cristãos e também o desenvolvimento das missões portuguesas entre 1550 e 1750⁵.

Antes da chegada dos portugueses às rotas marítimas e comerciais da Ásia, eram os chineses e piratas japoneses que, sobretudo controlavam as rotas de Malaca, Molucas, Macau, China e Japão, que mais tarde se tornaram uma das maiores dificuldades ao rei de controlar o comércio dessas regiões. Neste contexto, os missionários receberam a função de estreitar as relações comerciais com esses povos, como disse o missionário jesuíta Antônio Vieira em *História do Futuro* “Se não houvesse mercadores que fossem procurar os tesouros da terra no Oriente e nas Índias ocidentais, quem transportaria para lá os pregadores que levam os tesouros celestes? Os pregadores levam o Evangelho e os mercadores levam os pregadores”.

Resultados e Discussões

A leitura desta obra de Charles Boxer se vê necessária para a compreensão do primeiro contato com estes povos e os principais eventos que ocasionaram na colônia portuguesa conhecida por São Francisco Xavier, principalmente devido à introdução do cristianismo para um povo que já possuíam outra religião e elementos característicos europeus que foram cada vez mais anexados no cotidiano dessas civilizações.

Para entendermos a realidade vivida pelo santo, é necessária uma análise de suas cartas, que já se encontram catalogadas e impressas, através do trabalho do P. Francisco de Sales Batista que reuniu e publicou em um único livro “São Francisco Xavier – Obras Completas”. Neste livro é encontrado todas as cartas que foram enviadas por Xavier organizadas por ordem cronológicas, destinadas a seus companheiros da ordem jesuíta, sua família, e ao rei D. João III.

Através da análise dessas cartas e aos destinatários é possível entendermos através do olhar do próprio São Francisco Xavier, a realidade em que vivia e a sociedade colonial, podendo observar sua relação com os goeses cristianizados e também com os mestiços e elementos que possam justificar a ânsia desse povo pela permanência do corpo nesta região.

A obra de Serge Gruzinski, “O pensamento mestiço”, se trata de elementos culturais europeus inseridos dentro das sociedades ameríndias através da colonização desta região e principalmente do hibridismo cultural que surgiu devido a este contato entre civilizações,

⁵ Idem, 81.

onde é possível notar indígenas americanos pintando obras utilizando tendências artísticas como o renascimento. Dentro dessa perspectiva de Gruzinski é possível analisar dentro da sociedade indiana a presença de três grandes etnias: Os indianos, os portugueses e os mestiços.

Dentro dessa sociedade colonial é notado um forte incentivo à conversão dos pagãos ao cristianismo. Como característica do processo de colonização português, é bastante incomum a presença de mulheres portuguesas nessas colônias, portanto os comerciantes portugueses mantiveram relações com as nativas e geraram os mestiços, que não pertenciam à etnia local e também não eram filhos legítimos dos portugueses, por não haver matrimônio oficial. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo, a análise desses mestiços cristãos e a sua insistência em estabelecer um culto à São Francisco Xavier nesta região como objetivo de alcançar uma identidade local.

Conclusão

Através da análise das cartas, documentos e relatórios dos principais servidores do rei no Estado da Índia, notamos como a sociedade mestiça, que outrora havia sido planejada e vista com bons olhos pelos governadores portugueses, vivia próximo da segunda metade do século, em uma situação de descaso, onde sofriam abusos tanto da comunidade local, de indianos hindus, quanto dos portugueses cristãos, ou seja, essa situação de ostracismo social gerou uma pequena comunidade que vivia às margens da sociedade goesa. E entre esses abusos e o interesse do padroado português em se fixar na região e se auto legitimar e também da recém-formada Companhia de Jesus em ganhar nome, descobrimos a existência de um interesse mútuo na criação do mártir de Francisco Xavier, não somente pela suas missões na Ásia, mas pelo interesse de criar naquele local uma identidade cristã, onde legitimaria a cristandade oriental seguidora de Roma e da população mestiça em fugir da opressão sofrida em Goa.

Referências

BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan (1549-1650)*. Califórnia: University of California Press, 1951.

BOXER, Charles. O império marítimo português 1415-1825 / Charles Boxer: Tradução Ana Olga de Barros Barreto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORÉ, Andréa Sitiados. Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622), São Paulo, Alameda, 2010, 320 pp.

DORÉ, Andréa Carla. Relações entre Oriente e Ocidente (séculos XIII-XVII): mercadores, Missionários e homens de armas. *Revista Biblos*. Rio Grande: BRAPCI-UFPR, 2007. n.21.

GRUZINSKI, Serge. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras 2001. 46-49p.

COSTA, João Paulo Oliveira e; RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires. *A Esfera dos Livros*, 2014.. 684p.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Comerciantes Portugueses e missionários no Japão. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano II, n. 5, Set. 2009 - ISSN 1983-2850

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. A arte de evangelizar: jesuítas, dojokus e mediações culturais no Japão (1549-1587) / Jorge Henrique Cardoso Leão. – 2010.128p

LUCENA, João de: História da vida do P. Francisco de Xavier..., Lisboa, 1600. Vida do Padre Francisco Xavier – Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada, União Gráfica, Lisboa, 1959/1960 (2 vols).

NASCIMENTO, Renata Cristina. O combate em nome da fé nos relatos hagiográficos. *Revista crítica história* Ano IV, nº 7, julho/2013 ISSN 2177-9961

NASCIMENTO, R. C. S. A expansão das fronteiras da Cristandade no século XV: sacralidade e legitimidade do projeto político da casa de Avis. In: Fernandes, Fátima Regina. (Org). *Identidades e fronteiras no medievo ibérico*. 1ed. Curitiba: Juruá, 2013, v. 1, p. 177-191.

REBELO, António Manuel Ribeiro, "A estratégia política através da hagiografia" in A. Pérez Jiménez, J. R. Ferreira, M. C. Fialho (coord.), *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*, 2004. P. 131-158

SCHURHAMMER, Georg: Francisco Javier, su vida y su tiempo, Mensajero, Bilbao, 1992 (4 vols).

TEIXEIRA, Manuel, *Vida del Bieaventurado Padre Francisco Xavier Religioso de la Compañía de Jesús*, (ed. Ramón Gaviña SJ), Bilbao, Editorial «El Siglo de las Misiones», 1952, 177.